



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI—N.º 393—Preço 1800
4 DE ABRIL DE 1959

Vales do Corcio para Paço de Sousa—Avença—Quinzenário
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da CBRA DA RUA—Director e Editor: PADRE CARLOS
Redacção e Administração: Casa do Gaiato—Paço de Sousa

RELATÓRIO DE 1958

PATRIMÓNIO DOS POBRES

O ano derradeiro, mais de que outro qualquer, foi um ano de luta persistente pela pureza do Património dos Pobres.

Não é impunemente que «se sobe às culminâncias, sem saber verdadeiramente como, nem haver feito nada para isso» — escreveu Pai Américo, certa vez, da Obra da Rua. Assim o Património dos Pobres! Nascido de um anseio antigo em Pai Américo e de uma necessidade essencial do Pobre, o parto aconteceu por sugestão dos nossos vicentinos, depressa feita realidade em volta desta casa de Paço de Sousa. Era uma concretização de facto, antes que a ideia estivesse maduramente definida.

Subiam as primeiras quatro casas, quando se disse da iniciativa a primeira vez. Ainda não havia nome. Alguém, de entre a multidão viva dos leitores, jala em Património dos Pobres. Pai Américo gosta e adopta. Passado pouco tempo arrisca: «Vamos pr'ás cem casas». Ele mesmo, porém, contava com empresa demorada.

Pois, «sem saber verdadeiramente como», a bola de neve começa a rolar. O Património dos Pobres respondia a uma reclamação da Justiça, que, surdamente, bradava nos corações de muitos homens de boa vontade sem que eles próprios dessem fé.

Tudo é feliz neste crescer seguro a partir do «grãozinho de mostarda». Até aquele reputar de 12 contos, uma casa! Não correspondendo embora a quantia à realidade, a verdade é que a soma não assusta; é acessível e geitosa. Alguns podem de uma só vez. Outros atrevem-se a chegar lá em prestações proporcionadas aos seus meios. E aqueles 12 contos vão arrastar o mais que for preciso para pôr de pé uma casa e a entregar a uma Família que antes só conhecia a cortelha ou a mansarda.

O povo que precisava de uma casa e nunca a poderia ter nem alugar vai-se enchendo de esperança e consolando no usufruto de lares pequeninos e modestos, mas suficientes e dignos de filhos de Deus. O povo que precisava de dar casas a quem as não tinha nem podia alugar, vai-se regozijando na comunhão da alegria dos Pobres satisfeitos e, ainda mais, naquela alegria interior nascida de uma consciência indecisa, que se defina e toma o seu lugar (um lugar acessível a todos, mesmo os mais pobres!) na realização da Justiça Social, que é expansão do Reino de Deus.

Ora vê-se o Património dos Pobres, uma inspiração de Deus a Pai Américo que, «sem saber como, nem haver feito nada para isso», era por isso mesmo o primeiro assombrado diante da Obra — que só por Deus se explica uma tal pujança e um poder tão sedutor dos corações dos homens!

Contemplando a genealogia desta Obra, tal como estes simples marecos miliários no-la descrevem, haverá coragem de a confundir, de a misturar com qualquer outra obra de construção de casas para classes



O Homem é o grande esquecimento dos homens em nossos dias.
O Património procura redimir. Vêde-os: Pai, Mãe e sete filhos...
e um cunhal da casa deles.

humildes, com a qual o Património só, acidental e materialmente, poderá ter semelhanças?! Pois não seria uma profanação?! Pois não é evidente a presença do divino nesta obra feita pelos homens, a quem ela

faz mais homens — mais e melhores — na medida em que eles se lhe dão?!
Já se vê que não é capricho nosso, ou ideia fixa, o constante alerta contra o equívoco,

— Continua na terceira página

CALVÁRIO

Nunca alguém suspirou tanto pelo Calvário! Se ele andava pelas ruas do Porto a matar o tempo, suportando mal indesejável e sem cura!...

— «Eu só quero cama limpa e um sacerdote à cabeceira. Uma semana de repouso dar-me-á forças novas!»

Tudo exactamente cumprido consoante o desejo. O Sr. Mário teve cama quente e sacerdote à cabeceira na hora final. Uma semana, o tempo de

preparação para a jornada última.

Que o remorso brade na consciência de quem repeliu este cristão canceroso, a quem o Senhor chamou a 13 de Março.

O Calvário é lugar de imolação e de resgate. Se para viver cristãmente são indispensáveis determinadas condições humanas, muito mais para Deus estar presente ao cerrar dos

— Continua na quarta página



Todos os anos é assim. Do Natal à Páscoa há uma baixa, compensada pelos grandes actos de renúncia de quem dá e pelas nossas aflições.

A Obra da Rua tem uma verdadeira ala dos namorados. Mais do que namorados, são apaixonados. Não uma paixão qualquer, mas paixão interior que faz sangrar por causa do bem do semelhante, com os olhos no Alto.

Cem no Castelo, de uma anónima de Aveiro; dez em Santa Cruz; fatos, roupas e objectos de Tomar, por alma de quem os usou; mais uma samarra de Tomar; vinte em Coimbra para ajudar os pobres; cem de uma pobre Mãe, dando graças a Deus por ter o seu filho regressado da Índia; noventa que eram para uma receita médica e não foi precisa; vinte de visitantes.

Vinte ao sair do Estádio Municipal. Era um Senhor acompanhado de um pequenito, talvez filho, que me viu no meio dos nossos e puxou do bolso e entregou. Podia ter-se escandalizado de eu ter ido ao jogo! Costumo ir uma vez ou outra por causa dos rapazes, pois temos entrada gratuita em todos os campos, graças aos dirigentes desportivos.

Cem a um vendedor a pedir cinco intenções de missa; dez selos do Porto para ajudar uma pobre; cinquenta de um voto à Virgem Maria; 35 de um móvel velho; cinquenta dum aumento, no Castelo; vinte sufragando a alma de uma prima; vinte em casa de família amiga; quinhentos e vinte para vários fins; dois sacos de batata de semente do Grémio de Miranda; dez alqueires delas de vizinho sempre pronto; roupas usadas pelo pai e vinte por sua alma; cinquenta de visitantes; cem e duas garrafas de vinho, na Pocarica.

Vários vintes para a campanha dos trinta mil; uma gabardine e casaco muito bons que vieram entregar para os nossos estudantes; cinquenta da F. da Foz por alma do marido que foi muito nosso amigo; 320 de promessa, de Miranda; cem e mais cem e mais noventa e mais duzentos e mais muitas migalhinhas de visitantes; cem de um oficial do exército, da Louzã, por alma do Pai; vinte no Calvário, em

Miranda; sessenta numa loja de ferragens.

Dos Hospitais da Universidade veio o resultado de uma subscrição por alma de um funcionário e um primeiro aumento de ordenado. Quanta grandeza na entrega! Quanto bem se podia fazer se aqueles que menos precisam entregassem ao menos o primeiro... Há tantos colossos estagnados!

Há dias eu passava apressado por um pai ainda muito novo. Ele saiu do seu modesto

CONTINUA NA SEGUNDA PAG.

O «Pão dos Pobres»

Cândido mandou-me agora mesmo o livro e este bilhete: «Este livro é para si. É o primeiro que sai fora da oficina completamente pronto».

Folheei-o. Mal aparado... Impressão muito irregular... Resta-me saber se há folhas em duplicado em troca de outras que falem... A capa, fraquinha de consistência e pobre de interesse visual... Eis um resumo rápido da morfologia do nosso livro.

E no entanto!... No entanto, é por dentro que ele é. Ó substância! Ó doutrina! Ó deleite para as almas, que tão depressa gostam de sorrir como precisam de chorar! Eis a essência do «Pão dos Pobres»: que os perfumes de grande preço também se guardam em frascos modestos!

Que importa, pois, a pobreza do aspecto, se foi o Fabião quem compôs, e o Ramada quem imprimiu e uma legião anónima de miuditos quem dobrou e o Sandim quem encapou? — que importa?...

Lá dentro é que importa! E lá dentro há mensagem, que se presente ser do Céu.

Tira as sandálias dos pés, que é santo o lugar que pisas — adverte-nos Pai Américo, logo ao dobrar da primeira folha.

É assim, religiosamente, que este livro será lido e relido, mesmo pelos que se — Continua na segunda página

30.000 x 20\$ = 50 CASAS

A Campanha vai por aí fora em torrente. Não poderemos mais dar notícias pormenorizadas do que vem chegando. Tanto como não podemos dá-las dos assinantes que liquidam as suas assinaturas! É que todos aderiram já — assim o creio. E, quando mandam o dinheiro do jornal, mandam também os 20\$00 para a Campanha.

Porém, o mais curioso é que a maior parte não manda só por si, mas por tantos quantos constituem a Família. Há aqui Pais com nove filhos; e aí vem 11 x 20\$00.

Depois, espontânea e alegremente, muitos tomaram a Campanha por um estrito dever. E falam no seu «débito», em «desarrisquem-me», em «desobriga» e outras expressões equivalentes. Outros (numerosos, também), sugerem: «Não era possível estabelecer este sistema como cotização periódica, encarregando-se V. da cobrança? É que o custo não é mandar os 20\$00, mas sim a gente lembrar-se!...»

Cobrança não, meus senhores! Esta campanha é livre como o vento. Perderia todo o seu interesse no dia em que se banalizasse com cobranças ou processos semelhantes! Nem para «O Gaiato» nós a desejamos! Sofremos aqueles que no-la pedem, e encantamo-nos com os que tomam sobre si o pagar e o cuidado de pagar! Cobrança, não!

Mas o Famoso de quinze em quinze dias lhe irá lembrando. E, quando liquidar o seu jornal, já sabe: Junte mais 20\$00, e aí tem saldado o seu «débito» para as 30.000 x 20\$.

A Campanha tem bulido com todas as categorias: Clero, Nobreza e Povo. Pobres e ricos. Ainda agora passei pelas mãos algumas cartas, que Bernardino, aqui ao meu lado, vai consultando mais atentamente, para me informar da quantia que ela atingiu desde as últimas notícias.

A Campanha atrevesou os mares e chegou às nossas Áfricas e ao Brasil. Tocou mesmo muitos que a outros títulos têm participado na Procissão relatada em «Agora», até com casas completas. Traz muitos propósitos de «hei-de voltar mais vezes». E vários testemunhos de generosidade, como este:

«Tenho 14 anos. Ao ler o artigo 30.000 x 20\$ = 50 casas não resisti à ideia de que os meus 20\$ iam faltar na conta dos 6000.000\$, que irão dar a alegria a mais 50 famílias pobres.»

E, finalmente, podendo talvez pensar-se que os leitores veriam entrar em casa mais este apelo, como um visitante intruso, é isto que se escuta:

«É frequente ouvir-se apregoar nas ruas que há horas felizes...

Bendita foi sem dúvida aquela em que uma assinante levantou a ideia dos 30.000 x 20\$ = 50 casas!

Associo-me do coração à ideia; e porque talvez nem to-

dos possam contribuir senão com as suas orações para que frutifique e produza as 50 casas, envio 100\$ para compensar quatro irmãos em CRISTO que faltem por dificuldades materiais.»

Ora segundo as contas do Bernardino, esta etapa da Campanha exprime-se por este número: 12.565\$00.

Tribuna de Coimbra

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA

carro e veio entregar-me uma nota e dar-me a alegre notícia: nós também fomos aumentados.

Uma enfermeira entregou o seu primeiro e modesto ordenado. Esteve tanto tempo à espera dele e agora renunciou-o totalmente. Quanta grandeza nestes pobres funcionários!

Às vezes há pessoas que amavelmente nos informam que em tal terra há muitas famílias abastadas ou que tal família tem muitos bens de fortuna. A esses é que é pedir, dizem-nos. Mal dos Pobres se estivessem à espera dos ricos e mal de nós se não fossem os Pobres a socorrer-nos! Os que têm muito não compreendem os que precisam. Não estão para se ralar. A verdade do Evangelho é imutável. É mais fácil entrar um camelo pelo fundo da agulha do que um rico salvar-se.

Porquê? Porque não querem. A sua salvação está na fortuna, na vida bem gozada. O que não for isto, não interessa.

Outro dia fui a um organismo de assistência para receber um subsídio que tinha sido concedido a uma doente, agora internada no nosso Calvário. Mostrei a comunicação e apresentei as razões que ali me levavam. Ela tem de assinar e pôr aqui as impressões digitais, responderam-me. Eu disse que era impossível, pois a doente não sabia ler nem dar conta de nada, estava demente. Só se ela cá vier, acrescentou um funcionário. Já azedo, respondi que o subsídio não dava para as viagens. Veio a Direcção e nada. Que não podiam; e ficaram-se com um sorriso senhoril. Eu saí magoado e apeteceu-me riscar a placa que estava à porta.

Tenho ouvido dizer tanto mal destes organismos e só naquele dia acreditei. São os papeis, são as fichas, é o funcionalismo.

Nada valeu o eu ser Padre da Rua há nove anos. Nada valeu estar a falar a pessoas católicas. Valia mais que tudo isto, a impressão digital da pobre doente. E disseram-me que não era burocracia!

Espero que a tentativa de remodelação da administração pública em que os Homens do Governo estão tão empenhados, depressa traga aos Portugueses um clima de mais confiança, neste ambiente de poeira em que vivemos.

Padre Horácio

A falta de espaço n'«O Gaiato» não permitiu que nos dois números anteriores fosse publicada a relação dos donativos, o que muito nos penaliza.

Apesar do muito que teríamos para dizer a tantos que se interessam por «Belém» e têm tornado possível o milagre da sua existência, hoje ficamo-nos por aqui, na esperança de que desta vez, seja possível publicar a lista que já se encontra à espera, na redacção.

«Com os meus mais sinceros desejos de muitas felicidades... envio 500\$ em nome dos meus filhinhos, para que a Sagrada Família os proteja e os livre de todo o mal.»

«Para tão grandiosa Obra, queríamos dar muito, mas como temos pouco, enviaremos mensalmente a migalhinha de 20\$, produto dumhas pequeninas renúncias — duas amigas do Porto.»

Anónimo do Porto envia 1.000\$. Assinante n.º 3393 envia 100\$, em acção de graças por benefício recebido e em sufrágio da alma de seus pais e sogros. De «Alguém» — 20\$. Da assinante n.º 4375 — 25\$. De Alcoçaba — 50\$. Mais 100\$. Assinante n.º 6303 envia 20\$. Da assinante n.º 10.064 — 20\$. «Para pedirem a N. S. por mim» — 500\$. De M. F. — 80\$. Da Beira 100\$ com pedido de uma missa que já foi celebrada. À «amiguinha de Belém» respondemos que temos recebido a sua contribuição mensal de 20\$. A assinante n.º 14.598 envia 50\$. Do assinante n.º 6202 — 50\$. A assinante n.º 2707 respondo que foi recebido o vale de 100\$. Júlia, por alma de seus pais, envia 20\$. Mais 50\$ de Maria Amélia. Sempre temos recebido a sua contribuição. De M. M., Porto,

B E L É M

«Uma casa de família para as sem família.»

100\$, «com toda a minha admiração e simpatia por uma Obra ainda pequenina mas de tão grande alcance social, fazendo sinceros votos por que o país inteiro comece a conhecer e a amar Belém». De M. L. — 20\$.

«Abraçando de alma e coração a Obra a que em hora tão feliz foi dado o nome de «Belém», junto envio 100\$ pedindo a Deus que atraz deste pequeno óbulo outros se sigam mais valiosos por forma a que, com a ajuda do Senhor, esta Obra tão significativa frutifique. Que Deus a abençoe e me dê possibilidades de repetir mais vezes este gesto, são os votos de T. A. F.»

De Macieira de Sarnes, um fogareiro de petróleo. Por uma graça obtida, dumha assinante de «O Gaiato» — 20\$. «De duas lamencensas anónimas que pedem a Deus as maiores bênçãos para Belém e para quem a dirige» — 100\$.

De Coimbra, «Maria Sara que se orgulha de ter nascido na linda cidade que viu nascer Obra tão sublime», oferece seis cobertores quentinhos. E da Casa do Gaiato de Setúbal chegaram, ao mesmo tempo, outros seis cobertores de lã. Foi esta a resposta do Senhor Padre Acílio à minha observação de que o inverno não

é boa época para trazerem crianças do sul para Viseu.

De Lourenço Marques, uma Visiense envia 100\$ dizendo: «Fiquei muito contente, já porque há uma casa em modelo diferente do costume para abrigar as sem abrigo, já porque Deus permitiu fosse aberta a primeira do género em Viseu, minha terra natal.»

«Na impossibilidade de, pelo menos por enquanto, dar a vida ao serviço de tão grandiosa obra e não tendo nada de meu excepto esses pequeninos objectos, peço que os aceite. Peço o seu sigilo sobre o género da dádiva. Foram presentes de amigas que apesar de católicas, não sei se compreenderiam a altura em que coloco as suas ofertas.» — Uma amiga do Porto.

Do Secretariado Diocesano da Catequese de Viseu recebemos catecismos, cadernos de T. P. e guias de ensino. Uma Lecista da Figueira envia duas colchinhos de berço e um tapete, «feitos pelas alunas da sua Escola, que assim quiseram ajudar a aquecer o Menino Jesus em Belém». 150\$ em vale, de Maria Emília, de Lisboa. De Senhora amiga de Viseu, feijão e carolos. Da Casa Pinto, novelas de lã.

Inês



O «Pão dos Pobres»

Continuação da primeira página

judgam e dizem não religiosos. É certo que «não vão gozar os sentidos, antes vai padecer a alma, ao saber quanto no mundo sofrem, imerecidamente, os Pobres, — nossos irmãos!» Porém, «a queixa deles, amarga e justa, vai soprar as cinzas do teu coração, como faz o vento às folhas caducas; e ficarás num instante deslumbrado, com a beleza do tesouro que trazes dentro de ti mesmo, de que nunca deste fé, por causa da poeira: — o teu coração». E que sabor mais profundo do que a descoberta do nosso coração?

Sim; é dentro, dentro onde a mensagem é, que se percebem ecos, que tão depressa fazem rir como chorar, porque são ecos da Vida e neles se presente um gosto do Céu.

x x x

Já depois de ter mandado o livro, Cândido passou por aqui. «Foram hoje 87 livros» — me disse.

Hoje é 3.ª-feira da Semana Santa.

Ainda haverá umas centenas de felizes, brindados com esta prenda pascal...

Domingo da Paixão. De manhã, na capela de Fradelos, foi a missa da nossa comunidade do Lar. Na homilia falei da mediocridade em oposição à generosidade. Fui ao Evangelho do dia — um trecho da luta do Senhor com os fariseus. Recordei os passos mais dramáticos dessa luta. Não foram os chamados grandes pecadores que provocaram o azorrague de Jesus nem a dureza de Suas palavras. Nem Madalena, nem Zaqueu, nem Nicodemos ou a mulher adúltera. **Porque muito amaste muito vos será perdoado.** O carinho com que o Senhor aceita a generosidade daqueles corações confunde-nos.

Abraão mais eu descemos aos lugares do costume. Como nesta quadra sabe tão bem visitar os Pobres! Os nossos ouvidos, habituados a ouvir falar e dizer as mesmas coisas da Paixão, quase se não deixam impressionar. Há necessidade de ver, de apalpar e tocar com os dedos as chagas de Cristo sofredor. Ouvir suas queixas contra os «fariseus» de agora, recolher por Ele as lágrimas das Madalenas arrependidas. Vê-Lo doente, escondido na enxerga e consolá-Lo. Vê-Lo cheio de fome na rua porque não tem trabalho e saciá-Lo. Vê-Lo nu, a tiritar de frio e cobri-Lo. — **O pobre é**

alimento da Fé, que Deus nos deu.

Há muito tempo que não víamos a Rosinha do Barredo. Lá estava à porta maior sobrinho pequeno. Não sabemos ainda o que fazer dele. O meio em que vive é cheio de perigos. A rua espreita-o com todo o cortejo de misérias. A nossa casa superlotada — à volta das 170 bocas, grandes e pequenas — e um monte de cartas à espera de resposta. E não queremos nem podemos ser armazém de rapazes.

O contacto com estes Pobres do Barredo revela-nos, a toda a luz, quão pesada e dolorosa é a sua vida. Não fôra o claro da Fé e não teria sentido. Há tantos anos, prostada no leito, a Ti Joaquinha espera sem desesperar — até quando Deus quiser.»

Ainda não foi desta que pude cobrir com roupa de cama aqueles ferros velhos e retorcidos, testemunhas inconscientes do martírio de todas as noites de quem quer repousar neles.

Era a hora do meio-dia. Na lareira tudo apagado: «Desde ontem à noite que não voltamos a acender o lume. Nem agora sabemos o que comer. Minha Mãe foi aos recados a ver se arranja algum dinheiro». Como é dura e dolorosa a vida dos Pobres do Barredo!

Padre Manuel António

RELATORIO DE 1958

que muitas vezes os poderes leigos e até religiosos (com certeza sem má intenção!) deixam estabelecer.

Insistimos: O Património dos Pobres foi uma inspiração de Deus a Pai Américo, que ele entregou à Igreja e de cuja guarda, em fidelidade ao pensamento original, nós ficámos os herdeiros responsáveis. O Património, apesar de, e para além das 1700 casas que nos seus sete anos de existência ergueu por esse País em fora, vale sobretudo como cruzada a despertar as consciências para a gravidade e urgência dos multiformes problemas de habitação.

Temos notado que, quer nas esferas governamentais, quer nas particulares, é depois do grito de alarme soltado por Pai Américo que parece ter-se acordado para essa urgência e prioridade sobre muitos outros problemas importantes.

Além disso, o Património levantou a Nação para a causa e mobilizou-a de tal modo que, espontânea, apaixonadamente, ela tem contribuído com a quase totalidade do prego daquelas 1700 casas.

O segredo do Património consiste, precisamente, em ser obra de todos, feita de migalhas recolhidas na paróquia (uma árvore, uma ajuda de mão de obra, um pequeno donativo monetário...) que, por insuficientes, precisam de uma ajuda mais volumosa—a que, justamente, tem ido de nós, no momento oportuno (nem cedo nem tarde demais: «ao telhado», segundo a expressão tão feliz de Pai Américo) na base média dos cinco contos por casa, susceptível de ficar aquém, ou passar além, consoante os recursos próprios de cada paróquia.

É o que temos feito, com grande dispêndio de dinheiro e de forças, nas frequentes viagens às Paróquias onde se trabalha, movidos pela responsabilidade que sobre nós pesa, enquanto representamos a fonte do movimento do Património dos Pobres, de garantirmos a unidade de trabalho e a fidelidade doutrinal ao pensamento que Deus inspirou a Pai Américo.

Ora, segundo este pensamento, não pode haver Património sem Pároco. Ele é a cabeça natural da Obra, ali, naquela circunscrição territorial onde representa oficialmente a Igreja. O Património não é obra de «capelinhas», como Pai Américo jamais o foi.

Temos, pois, aqui, de denunciar — e fazêmo-lo com decisão veemente — aquelas comissões de piedosas senhoras ou senhores cuidadosos da sua obrinha, que não se importam nada de serem confundidos com agentes autênticos do Património dos Pobres, enquanto este nome lhes facilita a vida.

Nós é que não podemos consentir que um qualquer se aproveite de um nome «subido

às culminâncias», sòmente porque Deus o elevou a tal, e o desvirtue, fora e contra o pensamento da verdadeira realidade que por ele se chama.

Aos próprios vicentinos, e até a membros da Acção Católica, empenhados na obra, nós recomendamos a humildade e o espírito firmemente eclesial, de sempre, e em tudo, referirem à Santa Mãe Igreja os benefícios da sua acção. Que só a Igreja é a Senhora e Mestra da Caridade. E o Património, por muito notável que seja — e é! — a sua face assistencial, pertence todo e só à ordem da Caridade.

Por ser desta natureza é que o Património tem «renovado a face da Terra» como é o próprio da acção do Espírito Santo. Foi assim que Pai Américo o comunicou aos homens quando Deus lhe disse o Seu segredo. Foi assim que os homens de boa vontade o receberam, com uma paixão tão eficiente.

Não profanemos. «As coisas santas tratam-se santamente».

Obra una, apesar de dispersa. Só assim, alimentado pela mesma mística, o Património se pode conservar fiel ao pensamento original; só assim se

tível da Mãe! Quem é que ensinou a ler? Quem deu pão? Quem curou feridas? Quem arroteou? Como gosto de mergulhar nestas verdades da História! Vinte séculos não a perderam! Outros tantos não a perderam! A Mãe! É por amor dEla que os Pobres de Paço de Sousa têm hoje a sua casinha; só por Ela. Não haveria dinheiro que comprasse. Não haveria força que obrigasse nem palavra que convencesse. Nenhum dos que deu daria terreno; mas para a Igreja todos deram! É Ela a Mãe que veste, que agasalha, que ampara, que dá os seios. Não é mais ninguém.

Nem apostasias, nem deserções, nem fraquezas — nada. Nada lhe toca. Nada a diminui. Ela é a Mãe.

x x x

As 235 freguesias que há um ano dávamos em cortejo magnífico, temos agora a juntar mais 29 onde se começou a trabalhar. Porque o espaço exige economia não repetimos as primeiras; mas não resistimos a dar à estampa estas últimas, para que a «luz suba ao candeeiro»:



*
* *
Vál... que aqui ainda há cama e ela não é mal De resto — é doença; infância e velhice sem a separação adequada. O gato também.
O sol espregueita mas não entra. É assim o Barredo.

* *
*

pode manter nas «culminâncias» a que Deus o elevou com frutos tão salvadores para os Pobres que precisam de uma casa digna de seres humanos e os menos pobres, ou não pobres, que precisam de a proporcionar àqueles irmãos seus.

Aos Párcos e seus apaixonados colaboradores nesta Obra, nós pedimos vigilância pela pureza dela. Que nunca a quantidade afogue a qualidade. Que jamais o desejo do número leve a subserviências ou a cedências à Burocracia que possam ensombrar, por pouco que seja, o espírito de Fé e Caridade e os vínculos eclesiais do Património dos Pobres.

E nós não nos furtamos a repetir, uma vez mais, para afirmação do nosso espírito com a mente de Pai Américo, aquele cântico de Fé e Amor à Santa Igreja, quando Ele começou a compreender a Obra que Deus fazia nascer em suas mãos:

«A Igreja! A força irresistível

Aguiar (Viana do Alentejo), Alfândega da Fé, Avanca, Bitarães, Canhas (Madeira), Ferreiros (Braga), Fornos (Castelo de Paiva), Gaula (Madeira), Godim, Lourinhã, Mafumude (Gaia), Matozinhos, Minde, Monsaraz, Paços de Ferreira, Pedrouços, Pias, Pinhel, Ponta Delgada (Madeira), Provezende, Reguengo do Fetal, Rezende, S. Boaventura (Madeira), S. Félix da Marinha, S. José das Lavegadas, Santo António (Funchal), Sé (Évora), Travanca, Vilar de Andorinho.

Contudo, em muitas das outras paróquias se continuou trabalhando. Em algumas, mesmo — louvado seja Deus! — o problema habitacional do indigente já não existe. Sabemos de uma onde se construiu um pequenino Calvário, para que os indigentes sem família e carecidos do caldo quente e do tratamento na doença tivessem

quem cuidasse deles. Tudo modestinho, à dimensão da paróquia; mas levado até ao fim, com aquela dedicação e sabedoria que só a Caridade tem.

Ora este ano passaram por nossas mãos para o Património dos Pobres, a erguer-se do Norte ao Sul do País, precisamente 1.333 contos, dos quais 300 foram o donativo do Ministério das Obras Públicas e 250 vieram da Fundação Gulbenkian. À média de 5 contos de subsídio por cada casa teríamos 266 casas construídas. Ora o número não é este exactamente, porque afinal a média dos nossos subsídios foi superior a 5 contos. Acabo de rever uma por uma todas as verbas saídas e encontro 244 casas, quase todas entregues ainda em 1958, porquanto nós apa-

recemos perto do fim da construção, «ao telhado».

Não podemos deixar de chamar a atenção, uma vez mais, para a contribuição do Povo, não só por ser já aqui a maior, (E temos a contar com 295.294\$30 mais, que do Povo vieram e se gastaram no Calvário); mas porque é ainda ao Povo que se vai buscar o resto necessário à construção da casa.

De forma que o Povo contribuiu no ano de 1958 um bom pedaço além dos 3.000 contos, para que o Património Nacional enriquecesse de 244 lares para outras tantas Famílias que jamais o tiveram e jamais o teriam.

Só a Igreja! «A força irresistível da Mãe!» Só ela é a causa capaz de um tal efeito!

Pequenos auxílios

Esta modalidade tomou grande desenvolvimento no ano de 1958. Os números exprimem-nos bem este incremento: De 50 contos distribuídos com este fim no ano anterior, passou-se, neste, a 170.337\$20.

Dado que os nossos auxílios, nestes casos, são dados a título de telha e andam quase todos entre os 1500\$ e os 2000\$, tomando como média 1700\$, aí temos nós 100 famílias remediadas de habitação.

Nós admiramo-nos como este pequeno auxílio vai permitir o valor inestimável de um Lar! Mas a verdade é que o nosso Povo é capaz de sacrifícios e de renúncias e de trabalhos que obtêm de Deus um «milagre» de multiplicação — e as casinhas vão-se erguendo, como se fez o «caldo de pedra» de que reza a lenda.

São estas as 54 freguesias onde se tem trabalhado nesta modalidade:

Abrigada, Adaúfe, Alcácer do Sal, Algodres, Alpedrinha, Alquerubim, Antime (Fafe), Argoncilhe, Avelada (Braga), Azere (Tábua), Belém (Lisboa), Belinho (Esposende), Besteiros (Paredes), Boim (Louzada), Duas Igrejas, Espinho (Braga), Ferreira de Aves, Fonte Arcada (Paço de Sousa), Gualtar (Braga), Guilhufe (Penafiel), Idães, Irivo (Penafiel), Lagares (Paço de Sousa), Lodares (Lagoas), Lomar (Braga), Magueija, Marecos (Penafiel), Moreira (Fafe), Morreira (Braga), Mouriz (Paredes), Nespereira (Porto), Paço de Sousa, Penaguião, Penajoia, Peravelha, Pombal, Rebordosa, (Baltar), Ribeiros (Fafe), Rio de Moínhos (Satão), S. Domingos, S. João de Fontoura, S. José de Ribamar, S. Mamede de Coronado, Santa Marta de Bouro, S. Pedro de Este, S. Victor (Braga), Sintra, Telões, Vandoma (Baltar), Viana do Castelo, Vila do Bispo, Vi-

la Cova de Carros, Vilela (Paredes), Vinhais.

Os casos resolvem-se sumariamente. Um chefe de família a quem foi facultado um bocadinho de terreno mete mãos à obra. Pede auxílios vários. Às vezes, ele mesmo é artista — pedreiro, ou trolha, ou carpinteiro — e consegue a colaboração de colegas de outras artes a quem ele retribui em ajudas do seu ofício. A casa levanta-se quase sem ter sido preciso o dinheiro, que é o que não há. Vem o telhado, os acabamentos. Começam as dificuldades. É nesta altura que o Pároco, no exercício do seu dever de Pai e Pastor, mostra que está atento ao esforço heroico, dignificante, daquele seu paroquiano. E mostra que a sua atenção não é passiva, antes faz seu o problema. É nesta qualidade que nos bate à porta.

Nós, tendo com quê, estamos aqui para distribuir o melhor que podemos e sabemos aquilo que nos dão para distribuir. Não fazemos favor nenhum. Os recursos que temos é a Igreja que os põe em nossas mãos. A dor das dificuldades de cada paroquiano é a Igreja que a põe no coração do Pároco, Pai e Pastor do seu Povo. Tudo se passa na Igreja. Órgãos diferentes, funções diferentes, mas afins e tendo sempre por sujeito, por único sujeito, a Santa Igreja, a Mãe!

Sendo, pois, que o Pároco faz seu o caso e assim no-lo apresenta, na consciência plena dos seus deveres de Pai e Pastor, não temos mais que duvidar da justiça e da necessidade daquele auxílio. Basta que a casa seja segura de construção (Barracos não ajudamos); que seja suficiente em dimensões e divisões para a boa higiene física e moral da família a que se destina; e que haja possibilidades de chegar ao fim com todas as

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

SETÚBAL

— Foi anunciada a próxima eleição do sub-chefe. É uma necessidade para a nossa casa a existência de um sub-chefe. O chefe maior que agora é o «Zé da Lenha», apesar da sua boa vontade, não pode fazer andar a caruagem sem desequilíbrio; precisa de uma ajuda.

O cargo do chefe é espinhoso. O chefe sofre mais que os outros. Sofre porque os outros sofrem. Sofre porque os outros, tantas vezes, não cumprem. Sofre porque os outros, às vezes por caminhos errados, não querem sofrer para voltarem ao bom caminho.

POSTA. Ora isto foi para nós um choque de alegria, de emoção e de entusiasmo.

Começamos no dia 2 de Março a juntar dinheiro; pois passados dois ou três dias, já tínhamos cinquenta escudos, coisa que animou muito a malta e cada vez que se fala no clube, lá se ouve uma voz aqui, outra ali: — «Se a gente escrevesse ao Sr. Padre Carlos talvez ele nos ajudasse com alguns escudos mensais». Uma vez veio cá o Sr. Padre Alberto e ele depois de ver todo o nosso entusiasmo e vendo que merecemos, meteu a mão à carteira e tirou 20\$00, coisa que muito nos reanimou e ainda nos

Por agora peço ao Sr. Padre que nos preste cinco minutos de atenção máxima e que durante o mês de Março nos mande alguma coisa, para este entusiasmo continuar em cada um de nós, cada vez com mais calor.

Roubo-lhe muito tempo porque a carta é muito grande mas quando se trata de assuntos para o bem futuro de alguém, não se olha a tempo perdido.

Cumprimentos para todos.

Agostinho Coelho (Lampreia)

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

O QUE RECEBEMOS— Ai vai o fiozinho do costume: Assinante 13499, 20\$. Severina Rocha, 150\$00 e «com boa vontade, apesar da doença continuar, este ano aumentei o que é habitual», e Deus faça com que eu sempre possa repartir alguma coisa pelos Pobres». Um grande Amigo de S. Pedro do Sul veio dar-nos um abraço e 100\$00. Maria Emilia, de Lisboa, e o mesmo. E o mesmo da Minozinha, «no dia do seu baptizado». O meu Américo agradece e retribui o beijinho e deseja felicidades. O simpatia! 20\$00 do assinante 26827. Metade do n.º 24851. E outra vez 20\$00 de L. R., do Porto, e 11\$00 de Serafim F. Silva. E os costumados 40\$00 da assinante 17022. Mais 50\$00 do Porto, assinante 22445. E mais 120\$00 entregues no Espelho da Moda, sempre de mãos abertas para receber quanto nos queiram mandar. 10\$00 da «Mãe de um Assinante». O dobro do «Bêbé n.º 3». Eu queria ver por cá mais bêbês. Eles são os homens de amanhã. E outra vez 20\$00 de um nosso Amigo, docente, de Guimarães. E mais Porto: Berta Carvalho, 230\$00. E ainda do Porto: assinante 4343 com 200\$00. Há já uns tempos que não a via por cá e tinha saudades. E outros 20\$00 da Circunvalação, Porto. A crónica de hoje é quase toda consagrada ao Porto. Viva o Porto! Agora, de Mafra, 30\$00. E ainda mais 20\$00 e esta legenda: «Eu não sou rico. Sou um comerciante». Outros 20\$00 da assinante 2164, que já há uns tempos não aparecia, também. Houve rebate? Finalmente, 50\$00 de Angélica Barros. Deus vos pague.

Júlio Mendes

PELAS CASAS DO GAIATO



O chefe é o sacrificado. O que tem a responsabilidade. O que tem de ir se os outros não forem. O chefe tem de estar sempre pronto. Sempre à frente em tudo. Sempre com atenção. Sempre de vigia e de vigília. Vamos escolher um sub-chefe, elegê-lo. Serão eleitores os rapazes de mais juízo e melhor comportamento. Só estes estão aptos para escolher. Estes querem o bem e é pelo caminho do bem que temos de seguir. Em nossa casa somos nós que mandamos. Qualquer um de nós pode vir a ser chefe. É assim que nós queremos e por isso Pai Américo também assim quis. O sub-chefe terá de ser forçosamente o mais capaz, o melhor entre os mais velhos. A nossa propaganda eleitoral é feita dentro da consciência de cada um. Não se apresentem nomes. Ninguém deseja ser eleito. Todos queremos cumprir. Oitenta e dois rapazes dos dois aos dez anos, custamos um pouco a governarmos. A direcção do nosso Sr. Padre não é suficiente. E é só, desanimaria. Nós vamos com ele e elegeremos um sub-chefe capaz de ajudar o chefe e de colaborar em união com ele na nossa formação.

P. e A.

LAR DE LISBOA

Sr. Padre Carlos:

Em primeiro de tudo tem de me desculpar de lhe não ter escrito há mais tempo e apenas de longe a longe.

Venho contar o que se tem passado neste belíssimo Lar, que neste momento posso dizer, nunca esteve tão bem organizado como anda; parecendo sempre o contrário daquilo que é por causa da má fama que teve. Digo-lhe com toda a minha sabedoria, que é muito pouca, que o Lar merece estima dos rapazes, e até cada vez mais de todos os Padres da Obra.

Tanta estima está a ter, que até andamos a juntar dinheiro, para fundarmos um time de futebol. Começamos por impôr o nosso problema ao Sr. Padre José Maria e, ele logo nos respondeu: ACEITO A VOSSA PRO-

CALVARIO

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA
olhos de quem termina em martírio. Nos bancos das avenidas não é possível um fim decente. E o Sr. Mário era um condenado ao suplício do relento!

A Senhora Esmeralda, cancérosa desiludida dos hospitais, permaneceu três escassos meses conosco. Sem queixume algum entregou-se também resignadamente ao Senhor a 17 de Março. Iguais na vida e na morte. Damos graças a Deus pelos irmãos nossos que partiram.

É, porque o Calvário mostra camas de vago, escancaradas as portas aos incuráveis que inculpavelmente servem de peso morto e atacam o caminho à nossa sociedade pagã.

Padre Baptista

disse que aquela quantia passava a ser mensal.

Portanto agora quem pede sou eu, em nome de todos os rapazes do Lar do Gaiato de Lisboa, se o Sr. Padre Carlos aceita de boa vontade o nosso pedido de nos auxiliar como nosso sócio com uma pequena percentagem mensal.

O Sr. Padre José Maria já nos ajudou muito. Para nós bastava-nos ele concordar conosco para nos autorizar a juntar o dinheiro das grójas, que são muito poucas, mas acima disso tudo deu-nos algum dinheiro das borças que os rapazes têm pelo Natal. Vai escrever ou escreveu para o campo das Salésias que é nas oficinas de S. José — a Santo Condestável — para pedir se lá podemos ir todos ou quase todos os domingos fazer uns treinos de ginástica e futebol, e ainda acrescentou: em último caso se não tiverem todos os meios ainda podem comprar o pau para os calções que eu deixo que eles sejam feitos no Tojal. Mas nós, como não queremos que no Tojal saibam, nós dissemos ao Sr. Padre que talvez não, porque queremos fazer uma surpresa, se puder ser, aos tojalenses.

Mais uma passagem no nosso Lar alegre para todos.

No domingo de Páscoa vão alguns rapazes do Lar apresentar uma pequena peça de teatro, coisa que nunca se fez nem nunca houve entusiasmo para tais coisas noutros tempos.

Casamento do Norberto

Mais um Lar. É o terceiro fundado este ano por um dos nossos.

Norberto foi muito tempo o refeiteiro de Pai Américo. Um dia veio ter com ele ao escritório a dizer que se ia embora.

Era a hora da merenda. Ele aproveitara mesmo a hora de a trazer, para aquele desabafo.

Pai Américo recebeu-o brandamente. Que estava bem. Se ele assim achasse, que lá fora era melhor... que fôsse. Mas já agora merendaria, primeiro, ali ao pé dele. E repartiu da sua merenda.

Norberto rompe em choro. Depois, pegou no tabuleiro e foi à sua vida.

Não sei se Pai Américo soube da causa que motivara aquela decisão. Eu nunca soube.

Mais tarde, Norberto passa para o Lar. Já electricista de automóveis e bem colocado é convidado a dar o seu lugar a outro.

Norberto retirou-se, mas ficou sempre da família. Jamais deu ponto importante na sua

vida sem vir primeiro dar contas e saber opinião.

Aí o damos ao lado, ele e sua Esposa. Materialmente a vida deles vai muito bem en-cetadinha. Julgo que deram seriamente o passo sagrado que eu testemunhei em nome da Igreja.



Que o Senhor os abençoe e os guarde em perene fidelidade às intenções de que tinham cheio o coração ali à beira do Altar.

Relatório de 1958

CONTINUAÇÃO DA 3.ª PAGINA

ajudas reunidas (que com mais «capelas imperfeitas» ninguém ganha!) — basta esta confirmação para que o pequeno auxílio vá tornar possível o inestimável valor de um Lar digno de seres humanos com exigências de filhos de Deus.

Deus queira que a anunciada simplificação da Burocracia produza depressa seus frutos. E o Povo prove, enfim,

os benefícios de tantas leis e regulamentos sábiamente concebidos, tão sábiamente que fazem mira ao óptimo e tarde ou nunca chega a ser o bom.

Com Humildade; com critério realista e sensato a presidir ao uso das nossas possibilidades, podíamos já ir muito além do que onde vamos. Assim... tantas barracas e furnas e cortelhas e mansardas... onde devia ter um telhado modesto mas digno do nome de Lar!

Auto-construção

Se já estes surtos de injectiva privada aqui e ali, de que falámos no capítulo anterior, merecem a nossa admiração e o nosso estímulo, que dizer da empresa organizada que é a Auto-Construção? Que dizer dessa escola admirável de virtudes humanas e cristãs, que liberta um rapaz de tantas dissipações que as horas de ócio e as sobras dos seus proventos lhes poderiam proporcionar e os fixa, de corpo e alma, à tarefa dignificante de construir a casa que será tecto e berço da sua futura Família?

Que garantia de bons chefes de Família não oferecem esses rapazes que amealharam, enquanto outros desperdiçavam, que trabalhavam enquanto outros se divertiam, com o fim de se proverem de uma casa que será amanhã o bem inestimável que oferecerão aos seus!

Que feliz a rapariga a quem Deus escolheu um destes rapazes! Amada quando talvez ainda nem dele fosse conhecida. Que felizes os filhos de um tal Pai! Amados desde que ele pensava neles, para se animar nas horas de cansaço e de desânimo experimentados no decurso da longa construção!

Que cidadãos prestáveis para o País! Que, com o suor do seu rosto, com o sacrifício dos seus legítimos lazeres, com a renúncia presente a todo o uso das suas economias, que não seja o investimento na sua futura casa — dotam a Nação de mais uma Família conscienciosamente alicerçada, a prometer frutos de eleição!... Ditos a Pátria!

Pois é isto tudo, é sobretudo isto, a auto-construção realizada por Padre Fonseca em e à volta de Aguiar da Beira.

Inauguraram-se as dez casas para os dez rapazes da primeira equipe. Eu não hesito em escrever, apesar da modestia material das dez casas, que o ano de 1958 viu poucas inaugurações mais importantes.

É que aqui foi o Homem a grande realidade sempre presente na intenção de Padre Fonseca. Mais do que das dez casas, foi uma inauguração, a um tempo familiar e solene, de dez Homens.

Eu conheço alguns. A diferença que eles próprios fazem, em nível de civilização, antes e depois daqueles quatro anos,

persistentemente teimados na construção das suas casas, é algo de notável.

Depois, a consciência social que ganharam! Cada um entrou na posse da sua casa. Mas em cada casa havia o esforço conjunto e inseparável de dez rapazes. Que irmãos eles não se devem sentir! Que seguros de que a união é um segredo insuperável de força! Que certos de que todos precisamos uns dos outros e daquilo que podemos realizar quando saímos da perspectiva mesquinha do eu e do meu, para os horizontes largos dos bens criados por Deus tornados acessíveis a todos e a cada um dos homens, segundo uma disciplina, sábia, fraterna distribuição desses mesmos bens!

Quando a gente pensa e se afunda um bocadinho no pensamento e nas intenções de Padre Fonseca, vem dar aqui.

Uma vez mais e sempre, «a Igreja! A força irresistível da Mãe! (...), que veste, que agasalha, que ampara, que dá os seios!»

Também eu — também todos nós com certeza — «como gostamos de mergulhar nesta verdade da História!»

Padre Fonseca anda agora ocupado com mais duas equipes recentemente formadas, que totalizam 27 rapazes.

Outras tantas casas que vão ser. Rapazes pobres, que dão tudo por tudo. Mas o seu tudo, é tão pouco!

Claro que os técnicos da Auto-construção falam em financiamentos reversíveis. Padre Fonseca não é técnico, é Pai. Conhece de vista a heróicidade destes rapazes. Um Pai não empresta, dá. Dá aos seus filhos que merecem e saberão fazer render o seu donativo.

Padre Fonseca junta as suas próprias economias às dos rapazes para que estes possam ir comprando os materiais para as 27 novas moradias. E como não chega ainda, pede. Ainda há dias veio por aqui e levou migalhas. Quem me dera poder partir-lhe fatias!

Quem levanta o dedo e vem daí ajudar Padre Fonseca mais os seus rapazes?

Visado pela
Comissão de Censura